

REPORTAGEM

# “Eu vou morrer aqui”: Carta de cacique preso inspira denúncia de criminalização de Pataxós

*DPU aponta indícios de criminalização sistemática de indígenas na Bahia; Carta-denúncia já foi encaminhada ao CNJ*

8 de maio de 2026

04:00

Por Leandro Barbosa



Matheus Pigozzi/Agência Pública

SOCIOAMBIENTAL



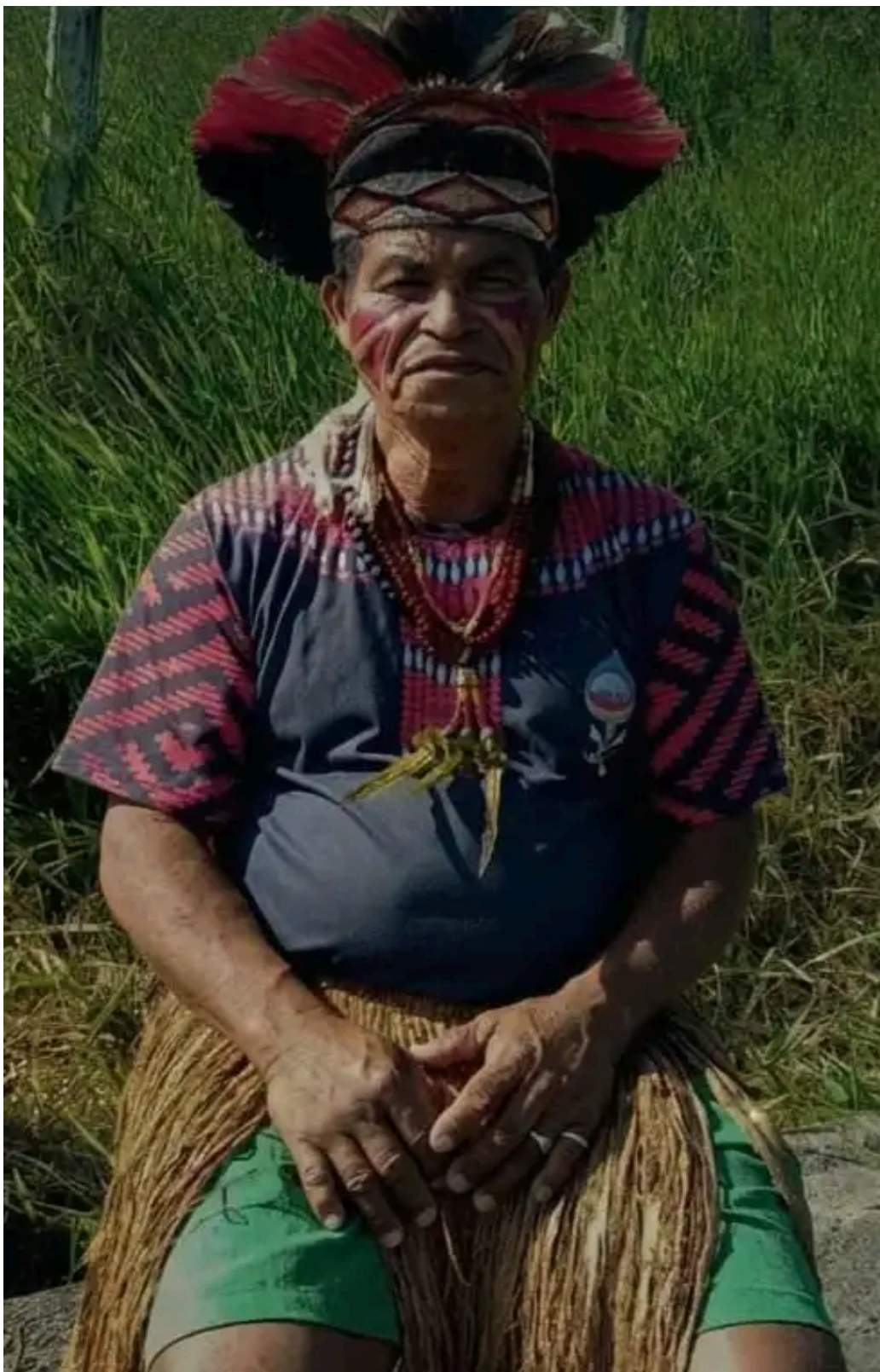
Joel Braz dos Santos descreve o próprio corpo como um lugar em colapso: diz não conseguir comer, relata dor constante e afirma sentir “vermes” se espalhando por dentro dele. O cacique Pataxó está preso preventivamente no presídio de Teixeira de Freitas (BA) desde dezembro de 2025 e em uma das cartas que escreveu pedindo ajuda, avisa: “Se vocês não fizerem nada, eu vou morrer aqui”.

“Ele vem lutando para sobreviver. Ele sente dores, problemas nos rins, pontadas no coração e tonturas. Ele pediu socorro a nós, que somos filhos e amigos, porque teme perder a vida por falta de atendimento médico”, lamenta a filha Mayra Brito.

O líder indígena é acusado de ser o mandante da morte dos posseiros Amauri Sena dos Santos, 37, e Alberto Carlos dos Santos, 60, durante uma retomada de terras em outubro de 2025, no assentamento Córrego da Barriguda, em Itamaraju (BA), e aguarda julgamento por homicídio qualificado e uso e porte de arma de fogo.

Lideranças indígenas contestam a versão oficial e apontam que faltam provas contra o cacique e denunciam o caso como um processo de criminalização de quem defende a terra, parte de um longo histórico de conflitos territoriais na região. O grupo elaborou um dossiê desde a prisão de Joel. Entre os relatos estão apontamentos de que o indígena estaria detido em condições críticas, que





*Cacique Joel Braz está preso preventivamente desde dezembro de 2025 e relata condições precárias de detenção*

incluindo suspeita de verminose, possíveis infecções e



“O psicológico dele está destruído: ele sente que tem vermes comendo seu corpo e não consegue dormir, enquanto sua família, lá na retomada, é cercada por pistoleiros todas as madrugadas. É uma tortura física e mental dentro de um lugar que não se compara nem a um chiqueiro”, afirmou um Pataxó que esteve com Joel, e pediu anonimato à reportagem para “evitar represálias”.

Joel Braz escreve como quem tenta não desaparecer. Fala da dificuldade de engolir, de falar, de suportar o próprio corpo. Em meio a isso, pede que familiares acionem lideranças, procurem advogados e ONGs, para que levem sua situação às autoridades. Volta ao mesmo ponto diversas vezes, reforça o sofrimento, insiste que precisa de ajuda imediata. Em alguns trechos, parece antecipar a incredulidade de quem lê – e responde a ela. Abaixo, reproduzimos o último relato de Joel, com omissão de trechos pessoais e citações a parentes, visando a proteção dos indígenas:

Pessoal de casa, já vai fazer quatro meses que eu estou lutando com eles que está me afetando dia após dia, e a cada dia se agrava cada vez que estivesse em casa, eu saberia me virar para me livrar destes insetos vermes... Mas aqui dentro da cadeia não tenho nenhuma opção.

Se vocês não souberem cuidar, vocês vão me perder logo, logo, por reproduzem rápido; mais ou menos de 15 em 15 dias, eles produzem uma camada de vermes. Se eu não estivesse usando desinfetante, sabão dissolvido, sabão de lavar louça e água de cloro, eles já teriam invadido meu cérebro, meus pulmões, o fígado, os rins e outros órgãos, e talvez eu já tivesse morrido.

...

Quase todas as noites eu sou atacado por um enxame. Quando eu vou dormir, eles fazem uma camada, na noite seguinte vem outra. Se eu desistir, eles vão me suar a pele.

...

Esses insetos não são coisa natural, é obra de feitiçaria. Eu acho que estou morrendo, porque isso é algo que os médicos não dão jeito. Eu acho que se não quiserem mexer com esse assunto, passem para alguém com quem eu não tenho nada. Eu estou me fazendo de bom, de forte e de tranquilo, mas o não é nada disso.

A minha garganta já vive dolorida de tanto eu ficar tentando empurrar para baixo todas as noites. Quando não são os grandes que ficam em cima da minha garganta, são os pequenos. De sexta para sábado, foram os



*passado*

## DPU aponta padrão de criminalização de indígenas; Carta-denúncia foi enviada ao CNJ

Em uma das cartas de Joel às quais a **Agência Pública** teve acesso, o cacique associa sua prisão a “algo maior”. O cacique menciona conflitos por terra, fala de morte e violência contra o seu povo. O que aparece nas entrelinhas tomou forma em um documento enviado por lideranças Pataxó ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em abril de 2026.

Na carta-denúncia, os territórios Barra Velha do Monte Pascoal e Comexatibá são descritos como áreas sob tensão permanente. O documento afirma que o povo Pataxó vive um cenário contínuo de violações de direitos e sustenta que a prisão de Joel, e de outras lideranças, não pode ser compreendida como um caso isolado, mas como parte de uma dinâmica mais ampla de repressão, que inclui uma sequência de prisões de caciques, jovens e até adolescentes, que teriam sido detidos em operações policiais intensificadas no fim de 2025.

### NEWSLETTER



A Defensoria Regional de Direitos Humanos da DPU na Bahia informou à **Pública** que, desde fevereiro de 2025, já atuou em 26 casos criminais no contexto de conflitos por terras envolvendo indígenas do sul do estado, sendo 10 no ano passado e outros 16 apenas nos primeiros meses de 2026. Segundo o órgão, a maioria dos investigados responde em liberdade provisória.

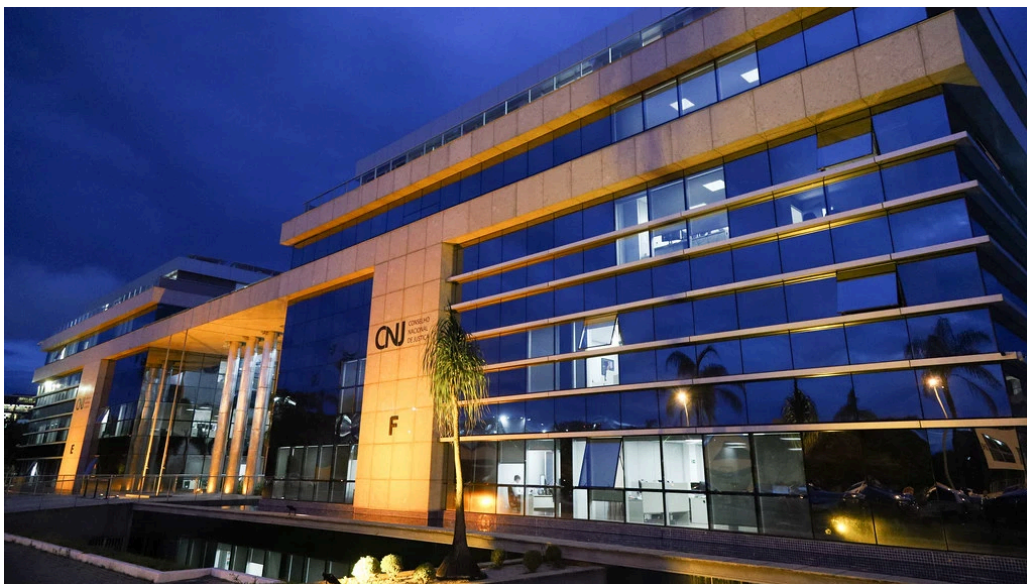
Para a DPU, há indícios de um padrão de criminalização de indígenas no sul da Bahia. Segundo o órgão os casos frequentemente envolvem conflitos fundiários e serão caracterizados pela atribuição de responsabilidade a lideranças sem prova direta e pelo uso recorrente da prisão preventiva com base na gravidade abstrata dos fatos, sem a devida individualização das condutas, além do uso de procedimentos paralelos, como investigações sobre posse de armas para reforçar acusações, e dificuldade recorrente do acesso das defesas aos autos.

O DPU destaca ainda que há reconhecimento tardio das garantias específicas dos povos indígenas, frequentemente consideradas apenas após provocação. “Esse padrão se evidencia pela repetição desses elementos em diferentes processos, sobretudo na combinação entre disputas territoriais, imputações frágeis e uma atuação penal que



“Existe um emaranhado entre os ruralistas, juízes e polícias para nos marginalizar e nos enfraquecer justamente agora que nossos processos demarcatórios avançam. Se não houver uma intervenção federal para investigar esses abusos, o que vai acontecer é que muitos de nós seremos assassinados ou apodreceremos na prisão, enquanto o território é entregue à especulação imobiliária e ao agronegócio”, disse uma liderança indígena que preferiu não se identificar. A acusação feita contra Joel Braz sustenta que o cacique teria participação ou vínculo com o grupo apontado como responsável pela ação. A defesa do cacique alega que ele não participou do embate que resultou nas mortes, destacando que o cacique sequer “se encontrava no local dos fatos” durante o ocorrido. Além disso, aponta que a prisão preventiva foi construída a partir de uma narrativa fragilizada, baseada sobretudo no interrogatório de outro indígena que além de prestar depoimento sem acompanhamento de advogado, assinou declarações questionadas pelos indígenas, conforme a petição à qual a **Pública** teve acesso.





*Carta-denúncia sobre criminalização de indígenas foi encaminhada ao CNJ em abril deste ano*

A DPU informou em nota “que requereu a revogação da prisão preventiva ou, subsidiariamente, a concessão de prisão domiciliar, com base na fragilidade probatória e no grave estado de saúde do assistido” e que pediu informações sobre a condição de saúde do cacique e da estrutura da detenção, mas, segundo o órgão, a solicitação ainda não foi atendida.

A **Pública** procurou o CNJ, mas o conselho não respondeu até à publicação desta reportagem. Em caso de manifestação, este espaço será atualizado.

Edição: Ed Wanderley

Na Pública, somos livres para investigar e denunciar o que outros não ousam, porque não somos bancados por anunciantes ou acionistas ricos.

**É por isso que seu apoio é essencial.** Com ele, podemos continuar enfrentando poderosos e defendendo os direitos humanos. Escolha como contribuir e seja parte dessa mudança.

**Junte-se agora a essa luta!**

PONTUAL		
MENSAL		
ANUAL		
R\$ 25	R\$ 50	R\$ 100
R\$ 250	R\$ 500	Outro valor
QUERO APOIAR		

---

 PayPal	 contato@apub	
--	--	---

## FIQUE POR DENTRO

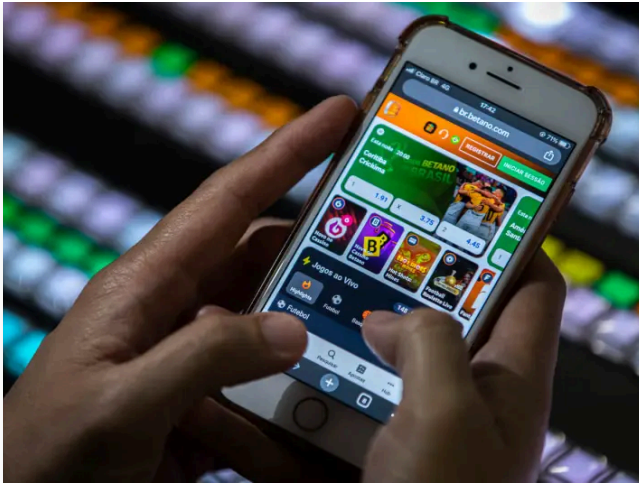
Receba conteúdos exclusivos da Pública de graça no seu email.

Email	<b>ASSINAR</b>
-------	----------------

 Newsletter da Pública - Por Marina Amaral



## ARTIGOS MAIS RECENTES



REPORTAGEM

EMPRESAS

PODER



REPORTAGEM

SOCIOAMBIENTAL

### Raposa no galinheiro: governo conta com as bets para manter beneficiários longe de apostas

8 de maio de 2026 | Por Amanda Audi

Cadastrados em programas como Bolsa Família e BPC não podem jogar online, mas o controle é feito pelas próprias empresas

### “Eu vou morrer aqui”: Carta de cacique preso inspira denúncia de criminalização de Pataxó

8 de maio de 2026 | Por Leandro Barbosa

DPU aponta indícios de criminalização sistemática de indígenas na Bahia; Carta-denúncia já foi encaminhada ao CNJ



## SOBRE A PÚBLICA

- QUEM SOMOS
- TRANSPARÊNCIA
- CONTATO
- DENUNCIE E SEJA UMA FONTE

## REPUBLICAÇÃO

- REPUBLIQUE
- ENGLISH
- ESPAÑOL
  
- ALIADOS DA PÚBLICA

## ESPECIAIS

- COP30: A CRISE DO CLIMA EM FOCO
- A MÃO INVISÍVEL DAS BIG TECHS
- O JULGAMENTO DE JAIR BOLSONARO
- PROJETO ESCRAVIZADORES
- DITADURA: 60 ANOS DO GOLPE
- CASO SAMUEL KLEIN
- AMAZÔNIA SEM LEI
- MAPA DOS CONFLITOS
- POR TRÁS DO ALIMENTO
- VAZA JATO



Site desenvolvido por

